



SABERES E PODERES QUE SÓ ÀS MULHERES PERTENCEM

Maria João Moreira de Morais

Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, Porto

É com particular satisfação que venho ao Congresso Internacional de Estudos Galegos com o intuito de dar a conhecer a minha região —raia transmontano-ourensana— mais especificamente, alguns aspectos da cultura popular vivida pelas mulheres das aldeias do concelho de Chaves.

Começo por vos falar dos saberes e graças que acontecem naturalmente no momento em que vimos a este mundo —o nascimento. Mãe e filha são privilegiadas pela dádiva genética, que as torna singulares no poder e na virtude.

A palavra dom, do latim *donum*, significa «oferta feita aos Deuses». Neste contexto é entendida como oferta concedida por Deus a certas criaturas que se tornam dotadas e afirmam convictas: “onde eu puser a mão, ponha o Senhor a sua divina vontade”. O toque e o cuspe são elementos distintivos que apenas a algumas mulheres pertencem. A disponibilidade na ajuda e o desinteresse na paga (“é o que quiser dar”) são comportamentos fulcrais da actuante e a partir dos quais ela consegue espalhar o seu prestígio.

Dada a relativa raridade das circunstâncias em que este dom acontece, é tido como caso excepcional. Assim, a mãe após o nascimento de filhos gémeos isto é, “nascidos de um só ventre” adquire um dom —o de curar o *aberto*. Coloca o pé *dreito* sobre o mal da criatura que se queixa (pulso, tornozelo ou qualquer outra articulação) ao mesmo tempo que diz a seguinte reza:

O Senhor e Tiago de Roma vinha,
Tiago ficava atrás e não vinha.
- Anda Tiago!
- Não posso Senhor
- O que te dói?
- A minha perna (ou braço ou pé, conforme o caso)
- Eu te ponho meu pé *dreito* que te junte:
Carne com carne,
ossos com ossos,

sangue com sangue
e membros com membros.

Em louvor de Deus e da Virgem Maria
te rezo um Pai Nosso com uma Avé Maria.

Depois de rezar o Pai Nosso e a Avé Maria, diz-se:

Deus cerre esta abridura,
como cerrou meu corpo desta paridura.

(C. F., mulher, 75 anos, Cambedo da Raia)

Explica em seguida a rezadeira, parideira de gémeos:

Este mal aparece muito no Verão, quando a gente anda a trabalhar no campo e dá um mau jeito, um torção no pé, na mão ou nas costas. Trepó o lugar do *aberto* em cruz, primeiro ao alto depois atravessado. A gente ao por o pé sobre o *aberto* sente aqueles estaladinhos a roigir (faz reche, reche, reche) e começa a doer muito —isso é o *aberto*. O poder que Deus me deu e a reza têm dado bons resultados, porque me procuram muito. O dom que tenho comigo, dá para curar os outros, a nós mesmas já não dá.

Este ensalmo de tipo narrativo, põe-nos perante um diálogo entre mestre e discípulo, sendo o mestre a transmitir a receita que há-de curar e o discípulo que recebe a receita faz o papel de doente. A cena reproduz fielmente o que se passa na vida real: a mulher que diz a fórmula, utiliza-a para curar o doente que tem perante si. Termina, como acontece em todas as orações, com o louvor a Deus e à Virgem Maria. Martí I Pérez chamou a este grupo de ensalmos narrativos «mnemotécnicos», precisamente porque ao longo da exposição narrativa contêm directivas práticas quanto à maneira de proceder para curar a doença.

São várias as opiniões sobre a origem deste poder caído do Céu no momento de vir ao mundo —uns autores atribuem-no à mãe, tal como as minhas informantes, outros aos filhos e Berta Nunes (1997: 116) ainda particulariza: “o primeiro a nascer dos gémeos é que tem a virtude de curar [...] e se este morrer passa a virtude para o segundo e se morrerem os dois passa para a mãe”.

Outra versão recitada por uma mulher mais nova, igualmente possuidora do dom:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
Onde ponha o meu pé
ponha Deus a Sua santa virtude.
Como Deus me sarou do ventre dobrado
sane este aberto e deslocado

Em honra de Deus e da Virgem Maria
um Pai Nosso e uma Avé Maria.

(C., mulher, 53 anos, Casas de Monforte)

“Digo três vezes esta reza e durante três dias. O povo fica contente e tem grande consideração por mim”. Estamos perante um ensalmo que obedece ao princípio *similia similibus curantur*, servindo-se a rezadeira do seu próprio caso. Isso dá-lhe poder, contando com a ajuda divina, para mostrar a possibilidade da cura. A rezadeira/curandeira numa atitude altruísta, junta o seu poder à ajuda de Deus e pede/exige a cura.

Lis Quibén (1980: 295) partilha da mesma opinião para explicar e curar o *aberto*: “Es el resentimiento de un tendón debido a un esfuerzo; tiene que curarlo una mujer que haya parido dos mellizos, [...]”

Há quem defina a doença como uma *forcinha* no pescoço, no pulso, no braço (onde haja veias e nervos) dizendo a reza as vezes que for preciso, sempre em pernão (número ímpar), fazendo uma cruz sobre o lugar do mal.

O facto de se repetir várias vezes a reza e o respectivo procedimento, significa que a vontade não enfraquece, a cura é verdadeiramente desejada.

O *torcelho*, torcicolo ou torção no pescoço, sendo um tipo de *aberto*, é também curado por estas pessoas. Basta a curandeira passar a perna por cima do pescoço do queixoso.

E, se nos nossos dias se cura o *aberto*, preferencialmente, por uma mãe que tenha dado à luz gémeos, séculos atrás este tipo de fertilidade era mal visto aos olhos do povo e sujeito ao castigo de Deus. Conta-se em Chaves uma lenda, a lenda da Maria Mantela¹, que é bem o exemplo desta punição: Maria Mantela, senhora casada, possuidora de bens e generosa, nunca recusara esmola a um pobre. Acreditava, como as pessoas do seu tempo, que ter gémeos era prova de infidelidade das mães. Dizia-se: “Mãe com mais de um filho de um mesmo ventre, não nos pode ter de um pai só! Aí tem o penar, que Deus lhe dá” (Luís Chaves 1931: 32). Por isso mesmo, negara-se pela primeira vez a esmolar uma pobre mãe com dois filhos gémeos nos braços.

Tempos depois, Maria Mantela ficou em *estado interessante*, tendo dado à luz sete gémeos (rapazes). Comprometida com tal crença, escolheu um dos filhos, o que lhe pareceu mais forte, e mandou a criada afogar os outros seis no rio Tâmega. Tal desgraça não chegou a acontecer, porque o marido com a colaboração da criada deu-os a criar a amas que viviam em seis aldeias vizinhas. Mais tarde, já rapazotes, o pai juntou-os e trouxe-os junto da mãe que, arrependida e comovida, os recebeu. Cresceram, fizeram-se padres e fundaram sete igrejas na região flaviense: Santa Maria Maior de Chaves, Santa Maria de Calvão, Santa Maria de Moreiras, Santa Maria de Émeres (Valpaços), Santa Leocádia, Vilar de Perdizes (Barroso) e Mosteiro Doso (de Oso) (J. Baptista Martins 1998: 13).

Diz o povo que o último a deixar a vila de Chaves, determinou que se juntassem os ossos de todos os irmãos no túmulo da mãe, para assim ficarem mais ligados na morte com o seguinte epitáfio: “Aqui jaz Maria Mantela / com sete filhos arredor dela”.

Assim como a mãe adquire o dom do *aberto* no momento de dar à luz gémeos, a sétima filha da família, sendo todas elas do mesmo sexo, também adquire logo à nascença o dom de curar *escrófulas* e furúnculos.

Muitas das mulheres que possuem este dom começaram desde muito novas

¹ Breve resumo baseado nas variantes da lenda, contada por dois flavienses: General Ribeiro de Carvalho 1929: 91-93 e Francisco Gonçalves Carneiro 1979: 19-21. Escreve Carvalho Martins (1994: 40): “A nossa lenda teve o privilégio de ser descrita, em 1634, por Rodrigo da Cunha, Arcebispo e Senhor de Braga [...]”.

a exercê-lo, levadas pelas directivas das suas mães. Por isso, praticavam-no sem terem consciência do valor do gesto que representava. A propósito escreveu Vicente Risco (1963: 229): “Os poderes supranormales adquirense por predestinación, por herencia física, [...], ou por una circunstancia allea incluso à coñecencia do que os recibe”.

Foi o que aconteceu com uma amiga minha de uma aldeia do concelho de Chaves (Casas de Monforte). Desde menina que era procurada na aldeia por pessoas que padeciam destes males. Depois, mais tarde, foi estudar para Chaves e apenas fazia estes serviços durante as férias. Foi crescendo e a vergonha também (comentava ela). As irmãs, em casa, chamavam-lhe a *cuspidreira*, a *santeira*. As mulheres da aldeia faziam constar o seu dom e então apareciam pessoas das aldeias vizinhas para que lhes tocasse. Becoña Iglesias (1988: 26) diz que:

O saludador ou saludadora, dador de saúde, é aquel que conta con cualidades curativas debido a *unha fada* que lle provén do nacemento [...]. A curación faina por medio do bafo, botando o seu alento, imponendo as mans na parte enferma ou outros similares, como cuspe, pero sen necesidade de acudir a procedementos tradicionais utilizados por outros curadores.

Anos antes já Vicente Risco (1963: 229) tinha definido o *saludador* como aquela pessoa: “que cura doenzas apricando ao enfermo as maus ou o cuspe [...], ou por ser o sétimo fillo cando a nai tivo enantes outros seis varós seguidos”.

Esta amiga lembra-se (devia ter já uns vinte anos, frequentava então a universidade), que numas férias grandes foi procurada por uma emigrante vinda de França. Recusou-se a ajudá-la, pois não acreditava no poder que lhe atribuíam, manifestando repugnância em tocar no pescoço da mulher, inchado e cravado de quistos vermelhos. Não lhe pareciam idênticos aos que ela costumava curar quando menina. Contou-me dois casos de cura. O primeiro passou-se com um homem adulto, que não podia mexer o pescoço tais eram os inchaços (prováveis *escrófulas*) grandes e dolorosos.

O homem vinha ter a minha casa assim que eu me levantasse da cama. O ritual tinha que ser feito em jejum, logo de manhãzinha. Cuspia no dedo, fazia uma cruz no local onde ele tinha o problema. Rezava durante três, sete ou nove dias. À medida que lhe ia fazendo as cruces rezava o Pai Nosso e a Glória e de cada vez que repetia a oração punha saliva no dedo e em círculo massajava o mal.

Entende-se que a massagem assim feita define o espaço circunscrito à doença, impedindo desta maneira que ela se alastre². A cruz, que logo no início é desenhada pelo gesto, une simbolicamente o doente ao sagrado e a saliva por contacto une-o à força / poder da *‘cuspidreira*. Pelo facto de intervir em jejum, estado associado à pureza do dom, depois de horas em descanso e sem comer, certamente a cura será mais rápida e eficaz. O tempo «manhãzinha» também simboliza o momento privilegiado, correspondente ao nascimento do dia.

² Escreve Dominique Camus (1990: 187): “Le geste effectué dans sa toute puissance, il n’y a rien d’autre à dire ni à faire”.

O segundo caso, passou-se com uma rapariga de sete ou oito anos, que tinha um gânglio atrás do joelho, complicando-lhe o movimento.

Foi mais simples —fiz-lhe as cruces com o dedo ensalivado sobre o gânglio. No fim de três ou quatro dias o inchaço desapareceu. Nessa altura era já crescida mas a minha mãe sempre insistia comigo, pedindo-me para que lhes tocasse. Os gânglios iam-se desfazendo ao passo que o tratamento ia avançando, até ficar limpa a região afectada. Como estava em férias grandes e tinha disponibilidade de tempo, repetia várias vezes o tratamento.

Uma informante de 83 anos de idade ensinou-me uma mezinha que qualquer pessoa pode preparar para rebentar furúnculos: desfaz-se uma folha de couve ou de urtiga morta (murcha) com unto ou linhaça, farelo de trigo e leite; coloca-se a mistela sobre o furúnculo e 2pouco demorará que ele arrebente!” (L. B., mulher, Vila Nova de Monforte).

A mulher enquanto prenhe (em estado de gravidez) tem a responsabilidade de guardar segredo quando a criança que traz no ventre fala ou chora. Se a mãe deixar nascer a criança sem confidenciar o segredo, seja rapariga ou rapaz, nascerá com poderes para curar, adivinhar ou prever o futuro e assim se fazem os saladores, adivinhos, ou videntes, respectivamente.

Cabe-me concluir dizendo que o contacto feito através do toque, do cuspe é privilégio de certas mulheres, tornando-as parceiras dos santos e mais próximas de Deus. Na maioria destas fórmulas encontramos um tom religioso pelo facto de se recitar, obrigatoriamente, no *terminus* de cada uma um Padre Nosso e uma Avé Maria, testemunhando assim que a oficiante não tem propósito maligno mas sim divino.

Existem outras práticas curativas específicas das mulheres.

Quando chega a altura do parto, quem assiste é a parteira, mulher de confiança, geralmente mãe de muitos filhos e que por isso habituada nestas lides, sabe «ajudar nos partos»: corta a *embide* (o cordão umbilical) e ajuda a *librar* a mãe, isto é a expulsar as *libres* (a placenta). A *embide* deita-se ao lume e as *libres* enterram-se num buraco bem fundo para que os cães não as comam. Mas se por azar alguma toupa as come a criança poderá vir a ser «ladrona».

O pós-parto é um período que merece muita atenção. A mulher fica com o «corpo aberto» enquanto está com o sangue do parto e por isso os «espíritos» (almas do outro mundo) podem entrar com facilidade no seu corpo e causar-lhe grandes perturbações, podendo ser necessária a intervenção de uma sábia ou bruxa. Contou-me uma mulher de Oucidres:

Depois de ter o meu segundo filho entrou-me o espírito de um tio que ainda hoje me traz incomodada, já morreu há mais de 40 anos, mas meteu-se-me cá *drento* de uma maneira que de vez enquando lá tenho eu que ir a uma entendida para o fazer falar e dizer o que ele quer. (I. T., 76 anos, Oucidres)

A importância dos defumadouros é enorme nesta região transmontana. Encontramo-los com uso frequente nas áreas de ginecologia, neurologia e psiquiatria.

Assim, nas *fúrias* (crises de histeria) das mulheres faz parte das práticas

da cultura popular fazer defumadouros com ervas aromáticas aos pés da endemoniada ou próximo das «partes vergonhosas» com intenção de chamar a *madre* (útero) ao seu lugar.

Este procedimento é completado com fumigações mal cheirosas próximas da cabeça, por forma a expulsar da mente «o bicho» (madre) que viajando «cá p'ra cima» as apoquentas. Utiliza-se o espaldar da cama, em regra de ferro, para as mulheres apoiarem as pernas, expondo às *entendidas* a residência natural da *madre*. Cruzes de fumo são riscadas nos ares ao mesmo tempo que é recitada a seguinte reza:

Madre tem-te em ti
assim como Jesus Cristo
morreu por ti.
Madre desce às tuas veias
assim como Nosso Senhor Jesus Cristo
andou por terras alheias.
Madre desce ao teu lugar
assim como Jesus Cristo
morreu p'ra nos salvar.
Assim como isto é certo
e como isto é verdade
e como Deus Nosso Senhor
nasceu numa noite de Natal.
Milagroso São Cipriano,
milagroso São Silvestre
quanto faço para o corpo de (fulana)
lhe preste.
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
um Padre Nosso e uma Avé Maria.
(A. R., mulher, 62 anos, Vila Nova de Monforte)

Em conversa um tanto segredada com esta benzedeira, porque as mulheres (muito menos as do campo) destas coisas íntimas não gostam de falar, depois da reza explicou-me:

Todas temos uma *madre* dentro de nós. A *madre* quando se irrita a gente fica doente. Há pessoas que não se sentem apoquentadas, mas há outras que se vêm muito atrapalhadas. Já rezei a algumas que estavam doentes e bem doentes e com a reza e a cerimónia a *madre* arribou.
A mulher que a tem *assanhada* deita-se na cama com as pernas abertas. Começa a gente a rezar de cima para baixo ou melhor do começo do corpo até ao fim do corpo, sempre a fazer cruzes. As ervas ardem até encherem o quarto de fumo. Ao cabo de duas ou três rezas a *madre* acalma. É uma doença bem ruim que nos dá cá dentro, à espécie assim dum bicho que nos irrita e não pára de nos consumir.
(A. R., mulher, 62 anos, Vila Nova de Monforte)³.

³ Berta Nunes (1997: 164) faz alusão à madre e aos homens *esquecidos*, estabelecendo relação entre os seus problemas sexuais, que podem apoquentar ambos. Servindo-se da definição de uma informante escreve sobre o homem esquecido: “o homem não se sente, fica *esquecido* dos nervos e não tem acção para servir as mulheres”.

A rezadeira refere-se ao mal personificando-o: “a madre quando se irrita a gente fica doente; a madre acalma; não pára de nos consumir”. A reza está construída na base da analogia, entre o que se quer que aconteça e o modelo cristológico, com um propósito iterativo iniciado pelo transtorno “Madre...”. Estas associações obedecem à lógica da magia simpática à qual se refere Pina Cabral (1989: 131): “baseiam-se no estabelecimento de ligações analógicas muito simples entre dois acontecimentos ou dois objectos às quais é então atribuído um valor causal”. Nesta reza, o mal é nomeado e repetidamente interpelado pela benzedeira: “Madre...”. Termina com um pedido de intercessão aos santos mágicos São Cipriano e São Silvestre e com o louvor habitual a Deus e à Virgem Maria.

Uma outra benzedeira não se referiu aos defumadouros, no entanto ensinou-me a preparar uma mezinha com qualidades balsâmicas. Os ingredientes são os seguintes: farinha por peneirar, orégãos, chocolate, mel e arruda. Põe-se tudo numa sertã com azeite e quando estiver em papa espalha-se na barriga da apoquentada. Segundo a informante “os resultados não são tão bons como os da reza, mas vai dando para abrandar a aflição que se sente”. Também há quem esfregue a *gola* (pescoço) da mulher que sofre da abafação com o *carapim* (meia) do pé esquerdo do *home*, mas sempre no sentido de cima para baixo.

Outras aflições podem acontecer particularmente em mulheres e é aqui que o povo confunde por vezes a histeria com o que outrora era designado por o *grande mal epilético*. O depoimento da informante que se segue é ilustrativo de alguma sobreposição de sintomas, sobretudo da espectacularidade habitual das manifestações clínicas de ambas (epilepsia e histeria); porém uma (epilepsia) é de origem orgânica, a outra (histeria) é de causalidade psicológica. Diz o povo transmontano que a primeira é *o mal da gota*⁴ e a segunda traz *o mal consigo, o diabo drento, são os possessos*.

Contava-me essa informante:

Havia aí, na aldeia, uma mulher que era boa, tinha bom coração, mas se se arreliasse com alguma pessoa ficava como morta —escumava-se, escumava-se, entesava-se toda, ficava morta. Aquilo demorava-lhe a dar por um bocadito. Depois levavam-na para casa e lá lhe passava. Dizem que os nervos tomavam conta dela e ficava-se morta. (L. R., mulher, 84 anos, Vila Nova de Monforte)

Lopes Lima (1998: 6-7) ao fazer uma perspectiva histórica da epilepsia, aponta entre outras designações as seguintes: “foi designada pelos romanos por *doença dos demónios*, o termo significa em grego *ser possuído ou atacado*, os alemães o *ser diabólico*, os judeus *a doença má*, os ucranianos *a doença negra*, [...]”. Todos os termos referidos denunciam conotação negativa: medo, desgosto, perigo, morte, loucura...

⁴ Lopes Lima (1998: 4) quando do seu serviço médico à periferia, em Trás-os-Montes (distrito de Bragança) ouviu pela primeira vez este nome dado pelos transmontanos à epilepsia. Posteriormente, interpretou o termo como uma referência local, associando-o à ingestão excessiva de álcool, como causa das crises epiléticas. Refere-se ao *Traité de l'Epilepsie* (Lennox 1960) onde se lê: “maladie vulgairement appelée au pays de Provence, *la gouttete aux petits enfants*” (Taxil 1602), atribuindo ao termo uma influência francesa. Na Galiza, “chaman a *gota*, por similitude cunha oenza das vacas, o que ten provocado máis dunha confusión dos médicos, que chaman ataque de gota ós do ácido úrico” (González Fernández 1990: 326/26). É precisamente a mesma confusão sentida pelos médicos portugueses que não conhecem o regionalismo transmontano.

Décadas antes, já Luís de Pina (1929: 37) comentava e posteriormente aconselhava: “A histeria e a epilepsia são tidas geralmente como resultantes de diabos que entram no corpo do doente; para estes padecimentos há os exorcismos que podem ser lidos por um padre ou por uma bruxa”.

A oração que se segue é exemplificativa da importância dos defumadouros como base imprescindível de muitas curas. Os elementos curadores variam conforme a existência no meio ecológico de determinadas ervas ou plantas, águas, fontes, penedos, etc.

Quando Nosso senhor Nasceu
todo o mundo resplandeceu
Quando o Senhor foi inundado
todo o mundo ficou iluminado.
Quando Nosso Senhor disse:
—P’ra onde vais profeta?
—Vou às ervas p’ra curar feridas e pragas:
gipela e gipelão,
cânzaro e cânzara
cângaro e cângara⁵
zirno e zirna⁶
temor e mal amor
daqui se vá!
E tudo quanto neste corpo andar
se vá p’ra onde não haja
pão nem vinho
nem bafo de menino
nem o galo a cantar
nem o menino a chorar.
As chagas de Nosso senhor
são doces de amor
assim o meu corpo se torne a compôr
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
um Pai Nosso e uma Avé Maria.
Em louvor de São Silvestre
Todas as minhas rezas prestem.

(A. M. E., mulher, 57 anos, Casas de Monforte)

Repare-se que nesta reza não há interpelação directa (como no caso da *madre*) mas apenas nomeação “feridas e pragas/ temor e mal amor/ e tudo quanto neste corpo andar” e o uso do verbo na 3ª pessoa «se vá».

Outras receitas idênticas e em vias de extinção são as preparadas nas farmácias e que são dadas pelas mulheres aos maridos para tirar feitiços feitos por outras: os vomitórios.

Os vomitórios ou *gomitórios*⁷ são pós milagrosos, ainda hoje vendidos nas farmácias, com os quais se fazem chás. Têm um efeito rápido e brutal, como

⁵ Cânzaro e cângaro penso referir-se ao cancro e talvez pelo facto da responsadeira ter sentido dificuldade em pronunciar repetiu, resultando duas formas muito parecidas e por isso distorcidas.

⁶ Zirno e zirna, talvez por zirbo (redenho) —prega no peritoneu (membrana que reveste o abdómen).

⁷ Neste vocábulo acontece, com regularidade, que a consoante /v/ se realize como /g/.

se pode constatar através do depoimento prestado pelo empregado de uma farmácia de Chaves:

Dá-lhes tal volta ao estômago, que tudo que lá têm atiram-no cá p'ra fora. As mulheres cismáticas de que os maridos lhes estão a fugir de casa dão-lhes estes chás de pós a tomar, duas vezes ao dia. Eles vomitam e atiram p'ra fora os bruxedos. Elas dizem que no vomitado vêem cabelos⁸, unhas, bocadinhos de tripas, ..., as coisas que as pessoas imaginam. O que é certo é que ficam bons e aquilo dá resultados. (M. S., homem, 39 anos, Chaves)

Moisés Espírito Santo (1984: 167) confirma a violência destas mixórdias preparadas por uma mulher de virtude: “uma beberagem que, ao provocar o vômito, tem a virtude de expulsar o mal. Por vezes faz *vomitir cabelos, sangue e até pregos*” Mais acrescenta este autor (1984: 166) relativamente à mulher que deseja “tornar cativo” um homem: “prepara uma beberagem discreta, que pode ser uma bebida vulgar a que junta um cabelo ou uma gota de suor ou de menstruação e graças a ela o eleito ficar-lhe-á inteiramente rendido.”

A menstruação, designada pelas mulheres aldeãs de *mês, regulação, incómodo, período* tem um efeito nefasto em situações várias: a mulher menstruada não deve amassar o pão, porque fica *embezerrado* (mal cozido); não deve aproximar-se do lagar do vinho enquanto este está em mosto (fermentação), o vinho estraga-se; não deve pôr as mãos em azeitonas, estas ficam chocas (moles); não deve comer polvo porque os olhos do polvo vêm-lhe à cara; não deve comer peixe raia porque a raia também é menstruada, etc. No entanto, a menstruação também tem poderes curativos: os *cravos* (verrugas que aparecem na pele) e a mordidela do *laricranço* (espécie de cobra que anda nos lameiros).

Excepcionalmente, existe outro tipo de mulher desligada do dom positivo, aquela que é estéril e não consegue procriar —*a mulher seca*— que ao invés da mulher até aqui estudada, possuidora de dons e saberes curativos, o povo teme-a dizendo que “não lhe foi abençoado o ventre” e por isso pode ter ligações com o inimigo.

Como vimos, existe uma gradação entre o saber comum, a herança de um familiar ou de um vizinho d'ó pé da porta, ao qual qualquer pessoa tem acesso, e o saber autorizado, com poder, como a reza ao *aberto*, dita por uma mãe que teve gémeos. Esta distinção está patente em significativas diferenças de volume do acervo individual de cada informante: as rezas do primeiro tipo estão sempre mais representadas e com raras exceções, são transmitidas por mulheres.

O dom natural, com poder, precisamente por acontecer à nascença, favorece as criaturas de aptidões especiais que, quando necessário, agem sobre outrem sob o olhar do poder divino —este é de longe o dom mais raro e exclusivo das mulheres.

⁸ Lê-se em *Dicionário dos Símbolos* (1994: 137): “Pensa-se que os cabelos mantêm, tal como as unhas e os membros de um ser humano, *relações íntimas* com este ser, mesmo depois de separados. Simbolizam as suas propriedades ao concentrarem espiritualmente as suas virtudes: estão unidas a ele por uma ligação de *simpatia*”.

Bibliografía citada

- BECOÑA IGLESIAS, E. *Medicina Popular*. Vigo: Ir Indo, 1988.
- CABRAL, João Pina. *Filhos de Adão e filhas de Eva*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1989.
- CAMUS, Dominique. *Les Paroles Magiques*. Paris: Editions Imago, 1990.
- CHAVES, Luís. *Trás-os-Montes, no horizonte das almas e da terra*. Gaia: Oficinas da Sociedade Editorial Pátria, 1931.
- CARNEIRO, Francisco Gonçalves. *A Igreja de Santa Maria Maior de Chaves*. Braga: Editora Pax Lda., 1979.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E. “Meigallo”. *Encrucillada* 69, Pontevedra (1990): 26-40.
- CHEVALIER, Jean e Alain GHEERBRANT. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda., 1994.
- LIS QUIBÉN, Víctor. *La medicina popular en Galicia*. Madrid: Akal Editor, 1980.
- LOPES LIMA, J. M. *Levantamento epidemiológico das epilepsias e dos síndromos epilépticos no Norte de Portugal*. Dissertação de Candidatura ao grau de Doutor. Porto, 1998.
- MARTINS, J. Baptista. *O Município de Ervededo*. Chaves: Gráfica do Tâmega, 1998.
- MARTINS, M. J. Carvalho. *Por Aquas Flavias —Chaves*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves, 1994.
- NUNES, Berta. *O Saber Médico do Povo*. Lisboa: Fim de Século Edições, Lda., 1997.
- PINA, Luís de. “Bruxas e Medicina (folclore de Guimarães)”. fsc. II, vol. IV. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 1929.
- SANTO, Moisés do Espírito. *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: Edições A Regra do Jogo Lda., 1984.
- RISCO, Vicente. “A predestinación, a adquisición e a transmisión de poderes supranormales na tradición popular galega”. *Actas do I Congreso de Braga*, vol. I. Lisboa: Biblioteca Social e Cooperativa., 1923. 229-232.

Moreira de Morais, Maria João. “Saberes e poderes que só às mulheres pertencem”. *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama. Sada: Edición do Castro / Asociación Internacional de Estudos Galegos (AIEG) / Filloxía Galega (Universitat de Barcelona), 2007. ISBN: 978-84-8485-266-7. Depósito Legal: C-27912007.